

Queridos irmãos(as) e amigos(as)!

Neste ano de 2023 iríamos realizar, depois de anos, por causa da Pandemia, o nosso 27º Encontro Diocesano de Liturgia com o tema: HOMILIA: parte integrante da Celebração Litúrgica.

Porém, por motivos de força maior, não poderemos dar o curso de forma presencial, mas estará aqui, para que vocês não fiquem sem ele,

Podem reunir as suas equipes de liturgia para lerem e discutirem o texto.

Qualquer dúvida podem entrar em contato comigo através das redes sociais que vai ser uma alegria responder as questões que ficaram.

Peço desculpas a todos, pois gostaria muito de estar com vocês, mas me faço representar pelas Redes Sociais.

Pe. Ocimar Francisco Francatto

ÍNDICE

Introdução.....	2
I O que é uma homilia?	3
II. Origem e história da homilia	6
III. A homilia nos documentos e livros litúrgicos da Igreja.....	11
IV. Elementos para uma homilia.....	21
a-) Os textos sagrados.....	21
b-) A realidade na qual vivemos.....	22
c-) O mistério que estamos celebrando.....	22
V. Como preparar uma homilia.....	24
VI. O que se espera de um homiliasta.....	31
VII. Alguns lembretes para quem faz homilia.....	32
VIII. Avaliação da homilia.....	35
IX. O Diretório Homilético.....	37
Conclusão.....	41
Bibliografia.....	43

INTRODUÇÃO

Cada domingo, nós como cristãos, somos chamados a fazer memória do Cristo Resuscitado, em comunidade, ouvindo sua Palavra e celebrando a Eucaristia.

“O POVO DE Deus é reunido antes de tudo pela Palavra de Deus, que é justíssimo esperar receber dos sacerdotes” (Presbyterorum Ordinis, 4)

A homilia faz parte integrante do ministério sacerdotal, porém sabemos que 70% das comunidades se reúnem aos domingos e não podem contar com a presença do padre. Neste caso são os Ministros da Palavra (homens e mulheres) que são investidos pelo Bispo diocesano que se colocam ao serviço dos irmãos e irmãs da comunidade. Daí a responsabilidade de todos que fazem a homilia.

Este estudo não serve apenas para aqueles que fazem a homilia, mas para todos que participam da celebração, não apenas para avaliar as homilias, mas para ajudar quando elas estão fora daquilo que a Igreja pede em seus documentos e a própria natureza da homilia. Sem dizer que muitos cristãos fazem uma espécie de homilia quando dão os encontros catequéticos, fazem reflexões da Palavra de Deus nas reuniões de grupos, quando dão os encontros de Batismo (Catequese Batismal) ou Encontros de noivos (Catequese Matrimonial).

Porém, existem muitas críticas a respeito das homilias. O Papa Francisco já falou sobre isso na sua Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium*: A alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, no número 135: “São muitas as reclamações relacionadas com este ministério importante, e não podemos fechar os ouvidos”.

Além do mais todo cristão “tem direito e obrigação, por força do Batismo” a uma participação plena, consciente e ativa na celebração litúrgica (Sacrosanctum Concilium, 14). E isso se realiza quando existe uma boa homilia. O Cristão tem direito, pela força do seu Batismo a uma homilia bem feita.

Sabemos que não é fácil preparar e fazer uma homilia, por isso este estudo pretende ser apenas uma ajuda neste sentido.

Peçamos ao Espírito Santo de Deus que nos ajude na renovação de nossa postura diante da liturgia e da vida, pois assim estaremos ajudando na implantação do Reino de Deus.

I. O QUE É UMA HOMILIA?

Etimologicamente falando, homilia vem da palavra grega "**homilia**", que significa reunião, conversa familiar, e esta por sua vez vem do verbo "**homilein**", que significa reunir-se, conversar. Assim a palavra homilia significa **tratado** ou **conversa familiar**.

É um dos elementos mais antigos da Liturgia da Palavra, herança sinagoga. A primeira homilia de Jesus em Nazaré (Lc 4)

É um discurso ou conversa que explica e atualiza a Palavra de Deus em benefício da comunidade celebrante. Faz parte da Liturgia da Palavra (IGMR 24). Tem uma estreita relação com as leituras bíblicas proclamadas, mesmo que seja um texto eucológico (orações litúrgicas) ou sobre o sacramento celebrado, a revelação às Escrituras é fundamental. É uma mediação sacramental da Palavra e Deus. É uma ação sacramental porque está ligada à Liturgia da Palavra, que é uma ação sacramental. Torna-se ação sacramental pela ação do Espírito Santo.

Desde o início a homilia está associada à leitura das Escrituras. Conferir: Lc 4, 16-21; At 13,15.

A homilia procura criar uma ligação dos participantes da celebração com a pessoa de Jesus.

É um gênero de oratória mais simples e familiar em oposição ao discurso.

A homilia não é um "sermão", "**Tractatus**" ou "**Sermo**", que os gregos chamam de homilia. Este termo foi usado no Ocidente Latino para indicar a ato de tomar a Palavra na assembléia litúrgica constituindo momentos e formas da tarefa mais geral da liturgia: pregar, evangelizar. O sermão é mais solene, possui regras da retórica e da arte da oratória. Não é um comentário bíblico-exegético. Não é catequese (embora a homilia possua uma dimensão catequética). Não é momento de avisos (IGMR 27). Não é explicação, aula, doutrinação, tematização, argumentação...

A homilia é comunicação pessoal, inter-relação, diálogo profundo entre eu de Deus e o tu do fiel e da comunidade, através de interpelação, levando a uma adesão sempre mais profunda, a uma resposta existencial. Tem um caráter narrativo. Devem-se usar sentimentos e símbolos como expressão da experiência. A teologia infelizmente ficou muito no nível racional; precisa recuperar sua relação com a espiritualidade.

A homilia destina-se a instruir e edificar os fiéis sobre os mistérios da fé.

Ela une a "mesa da Palavra" com a "mesa Eucarística", por isso ela faz parte integrante da Liturgia da Palavra (SC 52). Deve ser uma aplicação da Palavra de Deus no **hoje** e **aqui** de nossa celebração e de nossa vida. Tem uma função **exortativa** e **profética**, mas numa dimensão **sacramental** serve, portanto, para encorajar, animar, exortar, consolar (At.13, 14-42).

A liturgia é entendida como manifestação de Deus - **epifania**. Revela todo seu amor e carinho. O **mistério** de Deus vai sendo aos poucos revelado. Esta compreensão faz ver a Palavra como **sacramento**. Assim a homilia é um **ministério** por sua natureza, deve ser mais pensada e desenvolvida como serviço prestado aos destinatários. Quem prepara a homilia deve estar todo orientado para a assembléia que o escutará, para estabelecer o objetivo do seu empenho ministerial. Desta forma a homilia é **mistagógica**. A palavra "mistagogia" significa conduzir para dentro do mistério. Assim, falar de dimensão mistagógica da homilia é dar destaque à sua função e missão de contribuir para que a comunidade celebrante penetre profundamente no rito em andamento e, penetrando no rito, retome, de maneira nova, a sua fé.

É certo que, para dar à homilia esta dimensão mistagógica, o ministro que recebeu da Igreja o ministério da homilia precisa cultivar em sua vida, esta relação de gratuidade com a Palavra, ser um praticante da leitura orante, um contemplativo que procura perceber, em todos os momentos de sua vida, sinais e migalhas viva que o Pai envia à terra, como espalha a neve como lã (cf. Sl. 147,15-16).

A dimensão mistagógica devolve à homilia o seu sentido originário de uma conversa familiar, de um aprofundamento da fé feito entre irmãos e irmãs, proporcionando a superação de práticas como o sermão, onde se discorre sobre determinado assunto ou se exorta para determinadas práticas. Para além do moralismo, do pieguismo ou da doutrinação, a homilia como mistagogia ajuda as comunidades a viverem o seu "**kairós**", isto é, o seu tempo de graça e de salvação.

A homilia poderá ser dialogada. Quem preside deve assumir este seu ministério de dirigir em profundidade, o diálogo em torno da Palavra, dos fatos da vida e dos problemas do momento. Provavelmente não será ele ou ela que fale mais; ao contrário, assegurará a todos a possibilidade de falar, com direção firme e suave, porém sem deixar a conversa andar solta. No final, destacará alguns pontos, sintetizando a conversa, acrescentando algo que considerar necessário.

Proclamar o Evangelho não é uma função presidencial. É função do Diácono: "O diácono que vai anunciar o Evangelho, inclinado diante do presidente da assembléia, pede e recebe a sua bênção" (IGMR 17). Porém "a homilia, via de regra, é proferida pelo próprio sacerdote celebrante ou é por ele delegada a um sacerdote concelebrante ou, ocasionalmente, a um diácono, nunca, porém, a um leigo" (IGMR 66).

A celebração tem um ritmo e a homilia não deve interrompê-lo.

A primeira parte da celebração deve levar à homilia e esta como que em um crescendo levar para a segunda parte, que é a parte sacramental.

Deve haver uma ligação entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística e conduzir a ela. Não é hiato, não é uma coisa estranha, não é algo à parte. Por isso nunca terminar a homilia com o sinal da cruz e nem frases como: "Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo".

A homilia se move em três direções:

a-) Serviço à Palavra que se proclamou: explicando-a, ajudando a captar a sua mensagem, no aqui e agora.

b-) Serviço à vida da comunidade: a Palavra ilumina a vida da comunidade presente.

c-) Função mistagógica: Conduz a partir das leituras escutadas ao mistério sacramental que se celebra. Unem as duas mesas: a da Palavra e a do Sacramento.

“A homilia precisa ser simples, clara, direta, adaptada” (EG 158).

“Procurar que a pregação tenha uma unidade temática, uma ordem clara e ligação entre as frases, de modo que as pessoas possam facilmente seguir o pregador e captar a lógica do que lhes diz” (EG 158).

Criar entre o pregador e a assembléia um relacionamento de proximidade, de companhia, de presença, e não de distância nem de erudição magisterial.

A homilia nasce da inteligência e do coração do pregador.

II. ORIGEM E HISTÓRIA DA HOMILIA

A origem da homilia mergulha suas raízes no povo bíblico de Israel e nas primeiras comunidades cristãs.

Aos sábados de manhã havia nas sinagogas um **ofício de leituras**. Tiago diz isso em At 15,21: "Porque Moisés tem, em cada cidade desde tempos antigos, os que pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados".

Lia-se um trecho da **TORÁ**, que era o livro da Lei de Moisés (os cinco primeiros livros da bíblia). Era a leitura mais importante. Nos lugares onde o povo já não entendia o hebraico (a língua em que estava escrita a bíblia), alguém fazia em seguida o "**targum**", ou seja, a tradução em aramaico ou em grego, que era a língua falada pela comunidade reunida. Era uma tradução bem livre e espontânea, muitas vezes com adaptações do texto à comunidade ouvinte.

Depois se faziam as leituras dos **PROFETAS** e dos escritos com seus comentários e também o salmo.

Tudo era escolhido em ligação com a leitura da Torá.

Depois havia a homilia que retomava sempre cada uma das leituras explicando uma a partir da outra e ligando-as com a realidade do momento. Mostrava que o mesmo Senhor, que estava presente na história do povo no passado, estava presente também no momento atual, hoje, para salvar e libertar o seu povo. Mostrava como a Palavra de Deus se cumpria, se realizava na história atual. Exortava e animava o povo a ficar fiel ao Deus da Aliança, a comprometer-se com ele, a confiar nele.

Usando este método aprendido na sinagoga, as primeiras comunidades cristãs mostravam na homilia que todas as Escrituras recebiam seu pleno cumprimento em Jesus Cristo.

1. A Tradição Bíblica

Antes de existir o texto bíblico escrito, exista a forma oral de transmissão. Vamos colocar apenas alguns textos.

a-) Antigo Testamento

Ne 8, 2.8: "O sacerdote Esdras apresentou o livro da Lei diante da assembléia de homens, de mulheres e de todos os que eram capazes de compreender... Leram clara e distintamente o livro da Lei de Deus e explicaram seu sentido, de maneira que se pudesse compreender".

A homilia deve:

- Ser profética, falar em nome do Deus vivo. Cf. Dt 18, 15-22; Is 41,22; 48.3; Jr 1, 4ss.
- Denunciar o mal, o pecado, a idolatria e, especialmente, as injustiças sociais. Cf. Os 6, 6-7.

- Sacudir o povo para a conversão. Cf. Jl 1, 13-14; Is 58, 5-6.

b-) Novo Testamento

Lc 4,16-30: temos a primeira homilia cristã, na qual o próprio Jesus é o pregador e o protagonista. Há um claro comentário do texto de Isaías e uma clara aplicação à situação concreta dos que estão reunidos na sinagoga, incluindo o próprio Jesus. O texto também nos deixa claro que Jesus tinha o costume de ir à sinagoga no sábado e fazer a leitura (v.16) e também de ensinar nas sinagogas com louvor dos que participavam.

Jo 5,59: Jesus pronunciou o discurso do pão da vida na sinagoga de Cafarnaum, provavelmente na festa da Páscoa (Jo 6,4).

Lc 24,13-35: temos outro exemplo de homilia de Jesus com dois discípulos, na caminhada de Emaús. Trata-se de uma homilia no sentido mais genuíno da palavra: "conversa familiar". Ao longo da caminhada que leva de Jerusalém a Emaús, Jesus vai interpretando o momento presente à luz dos textos da Sagrada Escritura. Trata-se uma verdadeira "liturgia da Palavra" que prepara o coração dos discípulos para a "liturgia Sacramental". Na verdade, as palavras de Jesus atualizam os textos bíblicos (v.27) e preparam os corações para a celebração eucarística (v.29-30).

At 13,13-43: temos a homilia de Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia.

At 20, 7-12: temos a homilia de Paulo em Trôade, num Domingo dia da Ressurreição, dia da Páscoa.

2. A tradição eclesial

O mais antigo testemunho que encontramos entre os cristãos que faz referência à homilia, como parte integrante da Celebração Eucarística, está em Justino, em sua Apologia, escrita no ano 153, ao explicar a missa: "E no dia chamado de sol faz-se uma reunião, num mesmo lugar, de todos os que habitam nas cidades ou nos campos, e leem-se os comentários dos Apóstolos ou as Escrituras dos profetas, na medida em que tempo permite. Depois, quando o leitor acabou, quem preside exorta e incita pela palavra à imitação a essas coisas excelsas. Depois nos levantamos todos ao mesmo tempo e recitamos orações" (Apologia, 67).

Os escritos dos Santos Padres do século II ao IV são comentários vivos da Bíblia por parte da Igreja dos primeiros séculos e também o testemunho de que a Liturgia conserva a melhor vivência da fé bíblica e a melhor "Suma Teológica" de todos os tempos.

3. Período Patrístico

Período que vai do século IV ao VII.

Nesta época despontam grandes figuras que dão conteúdo a forma oratória à pregação homilética e que são imitados até nossos dias. Eis alguns exemplos:

No Oriente destaca-se a figura de João Crisóstomo, com seus inúmeros discursos sobre o sentido literal da escritura com a preocupação contínua de atualizar a Palavra de Deus, aplicando-a às diversas situações da comunidade cristã.

No Ocidente, temos a figura de Sto. Agostinho com seus inúmeros sermões e também com seu primeiro tratado exegético-homilético em quatro volumes: “Doutrina Christiana”. Conforme nos afirma Sto. Agostinho, “o pregador é ouvinte da Palavra não menos que outros ouvintes”.

Os Santos Padres da Igreja diziam que o livro é a "cama na qual dorme a Palavra". A Palavra de Deus existe no texto e ressoa quando o texto é proclamado. Neste sentido é muito importante valorizar o **Lecionário** e o **Evangelário**, pois eles aparecem como sinal da Palavra. Porém uma excessiva ritualidade com o livro parece valorizar mais a cama do que a pessoa que dorme. A palavra é viva e liga a história com o que a comunidade está vivendo.

4. Período Medieval

A novidade trazida pela Escolástica (Sto. Tomas de Aquino) é a pregação temática.

A Escritura oferece o tema em uma frase textual, que depois será desenvolvida com ordem, segundo divisões, subdivisões, definições e explicações que fazem da prática ou pregação uma construção complexa e engenhosa.

Nasce, como reação, a pregação popular que se preocupa sobretudo, com a vida religiosa-moral do povo, utilizando exemplos, narrações e lendas.

5. Período Moderno

A reforma protestante defendia:

- a liturgia em língua vernácula;
- o acesso dos fiéis à Bíblia;
- a pregação mais fiel à Palavra de Deus.

A Igreja Católica se restringiu à interpretação restrita do Concílio de Trento. Embora na sessão V do Concílio de Trento se falava da leitura da Bíblia que precisava ser favorecida e da pregação do Evangelho ao povo cristão, que deveria ser feita obrigatoriamente aos domingos e nos dias de festa, não teve êxito, continuou a pregação temático-catequética do Período Medieval.

A Bíblia fica reduzida a mero lugar de onde se extraem as citações capazes de produzir efeito, sem valor algum de mensagem salvífica.

As Rubricas Gerais do Missal de Pio V, 1570, que vigorou na Igreja até 1970 (como Concílio Vaticano II), não falam da homilia. Da proclamação do Evangelho passa-se ao Credo. Contudo, o Rito que se deve observar na celebração da eucaristia supõe a **possibilidade** de que haja uma pregação depois do Evangelho (VI, 6). Porém esta orientação está no Concílio de Trento e não no Missal de Pio V.

A admissão da maioria dos Sacramentos não está prescrita a leitura da Palavra de Deus nem, conseqüentemente, seu comentário homilético.

6. Período Contemporâneo

As intervenções dos pontífices romanos visam a condenar os abusos na pregação e a estabelecer regras rígidas para a concessão da faculdade de pregar reservada aos bispos.

Aos poucos vai ser perdendo o costume de fazer a homilia; em alguns casos foi substituída por um sermão. No sermão falava-se de qualquer assunto, não necessariamente ligado com os textos sagrados.

A homilia, quando existia, não fazia mais parte da Liturgia da Palavra: interrompe-se a missa para fazer o sermão e o padre até tirava a casula para subir ao púlpito e fazia o sinal da cruz no início e no fim. Então, o sermão era como que um corte da missa, uma interrupção.

Vários padres fazem a mesma coisa hoje:

- Começam e terminam a homilia com o sinal da cruz;
- Terminam com frases: “Louvado seja o nome de Jesus”, “Demos graças a Deus”...;
- Terminam como “Amém”.

Parece que a homilia é um hiato, que não faz parte da Liturgia da Palavra. É um corpo estranho. Quando na verdade a homilia é **parte integrante da Liturgia da Palavra**. Ela é a passagem da Liturgia da Palavra para a Liturgia Sacramental.

Vejam o que diz a rubrica do Missal de 1960, promulgada pelo Papa João XXIII: “Depois do Evangelho, sobretudo aos domingos e dias de festa de preceito, dirigir-se-á ao povo, segundo as circunstâncias, uma breve homilia. Não deve sobrepor-se à celebração da missa, impedindo a participação dos fiéis; também então a **celebração não deve ser interrompida e não deve voltar** a continuar enquanto a homilia não tiver terminado”.

O Movimento Litúrgico, que teve sua fase inicial de maior desenvolvimento a partir de 1909, nos mosteiros beneditinos da Bélgica e ganhou o mundo todo ia descobrindo o verdadeiro sentido da homilia no âmbito da celebração em relação às leituras bíblicas e ao mistério celebrado.

Deste movimento nasceu toda a Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II.

A função do texto bíblico na celebração é:

- **Alimentar a inteligência e o coração.** A comunhão da palavra de Deus como de um pão vivo que nos fortalece e se dá pela escuta e escuta inteligente;
- **Equilibrar a Palavra com sua interpretação.** O Culto tem que ser mais **orante** e menos explicativo;
- **Formar liturgicamente a assembléia para a escuta.** Temos que formar os leitores e os ouvintes;
- **A função abençoada da Palavra.** Nas Igrejas antigas, os ministros abençoavam doentes com um texto da Sagrada Escritura. A IGMR 175 diz que: “Em celebra-

ções mais solenes, o bispo, conforme a oportunidade, abençoa o povo com o Evangelário. Duas observações: é um gesto SÓ do bispo e não tem aplauso, é para fazer o sinal da cruz em si mesmo;

- **Relacionar com a vida.** Celebrar é se colocar sob a Palavra, para que ela possa se atualizar em nós.

III. A HOMILIA NOS DUCUMENTOS E LIVROS LITÚRGICOS DA IGREJA

Depois que o Concílio Ecumênico Vaticano II, na sua Constituição Sacrosanctum Concilium, no número 52, disse que “recomenda-se vivamente a homilia, como parte da própria Liturgia” e que “nas Missas dominicais e nas festas de preceito, concorridas pelo povo não se omita a homilia, a não ser por motivo grave”, ela aparece em Documentos da Igreja e em todos os rituais que foram refeitos após o Concílio Vaticano II.

1. DOCUMENTOS DA IGREJA

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM - SOBRE A SAGRADA LITURGIA (SC - 1963)

(24)

- da Sagrada Escritura se extraem textos para a leitura e explicação na homilia.

(35,2)

- rubricas indiquem o momento mais apto para a pregação;
- parte integrante da ação litúrgica;
- exercido com muita fidelidade;
- tema é da Sagrada Escritura e da Liturgia.

(52)

- a homilia é parte da própria liturgia;
- durante o Ano Litúrgico são apresentados os textos sagrados, os mistérios da fé e as normas da vida cristã;
- não podem ser omitidas nas missas dominicais e nas festas de preceito, a não ser por motivo grave.

Outros documentos do Concílio Vaticano II.

A missão da Igreja de anunciar a Palavra de Deus é colocada em outros documentos do Concílio Vaticano II:

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM – sobre a Igreja (LG – 1964)

Números: 12, 25, 29, 35.

DECRETO PRESBYTERORUM ORDINIS – sobre o ministério e a vida dos presbíteros (PO – 1965)

Número: 04.

DECRETO AD GENTES – SOBRE A ATIVIDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA (AG – 1965)

Número: 13.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES – sobre a Igreja no mundo de hoje (GE – 1965)

Número: 41.

INSTRUÇÃO INTER OECUMENICI - de 1964 retoma os elementos SC e acrescenta:

(54)

- a homilia pode ser a explicação de algum aspecto da leitura da Sagrada Escritura ou de algum outro texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, que tenha relação com o mistério que se celebra ou com as necessidades dos ouvintes

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO – (IGMR) (na sua Terceira Edição Típica – 2000)

(29)

- torna mais inteligível e eficaz a Palavra de Deus viva nas leituras.

(55)

- nas leituras explanadas pela homilia, Deus fala a seu povo.

(65)

- parte da liturgia e vivamente recomendada;
- indispensável para nutrir a vida cristã;
- explicação de algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de outro texto do ordinário da Missa do dia;
- levar em conta o Mistério celebrado como as necessidades particulares dos ouvintes.

(66)

- normalmente feita pelo próprio sacerdote da celebração;
- numa concelebração será feita pelo próprio presidente ou por um concelebrante delegado;
- ocasionalmente por um diácono;
- nunca, porém por um leigo;
- casos especiais e por motivos razoáveis, pode ser feita pelo bispo ou presbítero que participa da celebração, sem que possa celebrar;
- não pode ser omitida aos domingos e festas de preceitos a não ser por motivo grave;
- todas as missas celebradas com a participação do povo.;
- nos dias de semana do Advento, Quaresma e Tempo Pascal, como ainda em outras festas e ocasiões em que o povo acorre à Igreja em maior número;
- convém observar um breve tempo de silêncio, após a homilia.

(136, 309)

- lugar da homilia é na cadeira do presidente, do ambão ou outro lugar adequado.

INTRODUÇÃO AO ELENCO DAS LEITURAS DA MISSA - (Ordo Lectio-num Missae – OLM –1981) retoma os dados acima e acrescenta:

(24)

- Cristo está presente e operante na pregação de sua Igreja;

- que a homilia seja realmente fruto da meditação, devidamente preparada, não muito longa e nem muito curta e que se levem em consideração todos os presentes, inclusive as crianças e o povo, de um modo geral as pessoas mais simples.

(25)

- deve haver homilia nas missas celebradas para as crianças ou para os grupos particulares.

(27)

- não fazer os avisos durante a homilia, pois o seu lugar é após à oração depois da comunhão.

(41)

O presidente com a homilia:

- orienta seus irmãos para entender e saborear a Sagrada Escritura;
- abre o coração dos fiéis à ação de graças pelos admiráveis feitos realizados por Deus;
- alimenta a fé dos presentes, levando-os a crer na Palavra que na celebração, sob a ação do Espírito Santo, se faz sacramento;
- prepara os fiéis para uma comunhão fecunda e os convida a praticar as exigências da vida cristã.

(45)

- o povo de Deus tem o direito de receber abundantemente o tesouro espiritual da Palavra de Deus, o que se consegue com o uso do Ordo Lectionum, com a Homilia, e com a ação pastoral.

(48)

- na íntima relação entre a liturgia da palavra e a liturgia eucarística na missa, os fiéis, por meio da Palavra de Deus escutada e meditada, podem dar uma resposta cheia de fé, esperança e amor, de oração e entrega de si mesmos, não somente durante a celebração da missa, mas também em toda a vida cristã.

•

DIRETÓRIO PARA MISSAS COM CRIANÇAS – 1973.

(24)

- a homilia poderá ser feita por um adulto que participa da missa com crianças, com a aprovação do pároco, sobretudo se ao sacerdote se torna difícil adaptar-se à mentalidade das crianças. **É o único documento da Igreja que permite a homilia, feita por um leigo (“com aprovação do pároco”);**

(48)

- em todas as missas com crianças deve-se dar grande importância à homilia, que pode ser feita em diálogo com eles.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO – 1983

- preparação no seminário – 256 § 1º;

- dever do Bispo -386 §1º;
- dever do pároco – 528 §1º;
- forma destacada de pregação – 767 § 1º;
- reservada ao sacerdote ou diácono – 767 § 1º;
- obrigação nos domingos e dias festivos – 767 § 2º;
- durante a semana – 767 § 3º.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – 5ª edição – 1993

(132)

- o estudo da Sagrada Escritura nutre salutarmente e santamente o ministério da palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda instrução cristã, na qual deve ocupar lugar de destaque a homilia litúrgica.

(1100)

- explicação da Sagrada Escritura.

(1154)

- prolongamento da liturgia da Palavra.

(1347)

- Jesus explicando as Escrituras em Emaús.

(1349)

- homilia é exortação a acolher a Liturgia da Palavra como o que ela é em verdade, Palavra de Deus.

DOCUMENTO DE MEDELLÍN - (1968) embora não fale especificamente em homilia lembra que:

(Introdução n. 6).

- “assim com Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando da libertação do Egito, da passagem do Mar Vermelho e conquista da Terra Prometida, assim também nós, o novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva quando se dá o verdadeiro desenvolvimento, que é, para todos e cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas”

DOCUMENTO DE PUEBLA - (1979)

(930)

- “a homilia, como parte da liturgia, é ocasião privilegiada para se expor o mistério de Cristo no aqui e agora da comunidade, partindo dos textos sagrados, relacionando-os com o sacramento e aplicando-os à vida concreta. Sua pregação deve ser esmerada e sua duração proporcionada às outras partes da celebração”.

DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO - (1992)

(33)

- Apresenta três idéias que parecem referir-se a homilia:
 - A Igreja, comunidade santa, convocada pela Palavra, tem como uma de suas principais tarefas a de pregar o Evangelho (cf. LG 25).
 - Anunciar com alegria o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, o Filho e Deus (cf. EN 22).
 - Este mistério profético da Igreja compreende a catequese, que educa para a fé inicial e leva o verdadeiro discípulo de Jesus à maturidade. Ele deve nutrir-se da Palavra de Deus, lida e interpretada na Igreja e celebrada na comunidade.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “EVANGELI GAUDIUM” – A Alegria do Evangelho – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Papa Francisco – 2013.

No Capítulo III o Papa Francisco fala do Anúncio do Evangelho e reparte em quatro partes:

- Todo o povo de Deus anuncia o Evangelho -111 – 134.
- A homilia – 135 – 144.
- A preparação da pregação – 145 – 159.
- Uma evangelização para o aprofundamento do querigma – 160 – 175.

DOCUMENTO 02 DA CNBB – PASTORAL DA EUCARISTIA – subsídios - 1975

(2.3.1)

- A homilia é própria do bispo, do presbítero que preside a celebração ou na “missa com crianças” de outra pessoa, com orientação do Pároco (Diretório das missas com crianças, 48).

(2.3.3)

- **Função da homilia:** cultivar a fé dos iniciados na participação da Eucaristia; visar a conversão comunitária; revisão leal e um esforço comum será evidentemente um meio pedagógico eficaz.
- **Nos grupos:** conhecimento maior que o presbítero tem da vida dos participantes; diálogo orientado pelo presidente.
- **Assembleias maiores:** solicitar testemunhos; conversa em grupos após a missa (ou mesmo durante); preparação nos grupos ou retomada do mesmo nas reuniões destes grupos; sintetizar a mensagem numa espécie de “slogan”, para permanecer nos lábios e no coração dos participantes durante toda a semana.

DOCUMENTO 43 DA CNBB - Animação da vida litúrgica no Brasil (1989), nos números 275 a 280 retoma o que já foi dito acima acrescentando:

(275)

- a homilia, que não é sermão ou outra forma de pregação, significa conversa familiar;

(n. 276)

- atualizar a Palavra de Deus, fazendo ligação da Palavra escrita nas leituras com a vida e a celebração;

(277)

- os fiéis, congregados para formar uma Igreja pascal e para a festa do Senhor presente no meio deles, esperam muito da homilia e poderão tirar muitos frutos. Tem que ser simples, clara, direta e adaptada. Tem que estar profundamente ligada ao Evangelho e fiel ao Magistério da Igreja;

(278)

- pode ser preparada em equipe;

(279)

- pode ser dialogada (onde possível);

(280).

- pode haver dramatização da Palavra, para completar a homilia.

2. RITUAIS DA IGREJA

RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS (1970 – Brasil – 1999)

(50)

- quem preside faz breve homilia aprofundando o mistério do batismo a partir da palavra proclamada;

(51)

- final da homilia: silêncio ou um canto apropriado.

RITUAL DA CONFIRMAÇÃO (1971 – Brasil 1998)

(39)

- o bispo faz uma pequena homilia, explicando as leituras, a fim de levar os confirmandos, os pais, padrinhos e toda a assembléia a uma compreensão mais profunda do sacramento da confirmação;
- traz um modelo de homilia ou alocução.

RICA: RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (1973 – Brasil - 2001), aconselha a homilia:

(91)

- Rito de admissão ao catecumenato;

(142)

- Rito da eleição ou da inscrição do nome;

para cada um dos “escrutínios” :

(161)

- primeiro;

(168)

- segundo;

(175)

- terceiro;

(185)

- para “Entrega da Símbolo” (credo);

(191)

- para “Entrega da Oração do Senhor”.

**RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS E SUA ASSISTÊNCIA PASTORAL
(1974 – Brasil – 2ª Edição Revisada – 2000)**

(53, 72, 89, 107)

- Se for conveniente, poder-se-á fazer uma breve explicação da leitura bíblica.

RITUAL DA PENITÊNCIA (1973 – Brasil 1999)

(36,52)

- Necessidade da homilia após a Proclamação da Palavra de Deus.

(11, 17, 27, 33, 39, 48, 58, 67)

- Nos apêndices das celebrações penitenciais encontramos alguns tópicos para a homilia.

RITUAL DO MATRIMÔNIO (1969 – Brasil – 2ª Edição típica – 1993)

(23)

- Conveniência da homilia.

(57, 91)

- Homilia exponha, partido do texto sagrado, o mistério do Matrimônio cristão, a dignidade do amor conjugal, a graça do sacramento e os deveres do casal, levando sempre em conta a situação das pessoas.

(125)

- Celebração do Matrimônio diante de um assistente leigo. Convém que o assistente faça uma homilia aprovada pelo Bispo ou pelo pároco.

(157)

- Celebração entre uma pessoa católica e outra catecúmena ou não cristã.

(18)

- Rito adaptado da celebração do Matrimônio sem Celebração eucarística.

RITUAL DE ORDENAÇÃO DE BISPOS, PRESBÍTEROS E DIÁCONOS (1989 – Brasil - 1993)

Não somente fala da necessidade da homilia como deixa um modelo:

(39)

- Ordenação de um Bispo.

(123)

- Ordenação de Presbíteros.

(199)

- Ordenação de Diáconos.

(267)

- Ordenação simultânea de Diáconos e de Presbíteros.

(308)

- Ordenação simultânea de um Diácono e de um Presbítero.

PONTIFICAL ROMANO (1970 – BRASIL – 1999)

Fala:

a-) Instituição de Leitores e de Acólitos e de Admissão entre os candidatos à Ordem Sacra

(4)

- Homilia para a Instituição de Leitores.

(4)

- Homilia para a Instituição de Acólitos.

(08)

- Homilia para a Admissão entre os candidatos à Ordem Sacra.

b-) Bênção de Abade e de Abadessa

(18)

- Alocução ou homilia na Bênção do Abade.

(09)

- Alocução ou homilia na Bênção da Abadessa.

c-) Consagração das Virgens

(16)

- Homilia ou alocução no Rito da Consagração das Virgens.

(54)

- Homilia ou alocução no Rito da Consagração das Virgens unidas à Profissão das Monjas.

d-) Profissão Religiosa**Profissão dos religiosos**

(11)

- Normas para o Rito de Iniciação na vida religiosa dos Religiosos.

(26)

- Homilia no Rito da Profissão Temporária dos Religiosos na missa.

(56)

- Homilia ou alocução no Rito da Profissão Perpétua dos Religiosos na missa.

(84)

- Homilia no Rito da Renovação dos Votos dos Religiosos na missa.

Profissão das religiosas

(10)

- Normas para o Rito da Iniciação na vida religiosa das Religiosas.

(29)

- Homilia ou alocução no Rito da Profissão Temporária das Religiosas na missa.

(61)

- Homilia ou alocução no Rito da Profissão Perpétua das Religiosas na missa.

(91)

- Homilia no Rito da Renovação dos Votos das Religiosas na missa.

RITUAL DAS EXÉQUIAS (1970 – BRASIL – 1971)

(14)

- Excluir qualquer tipo de elogio fúnebre.

(14)

- Que haja homilia nas missas de defuntos.

Nossa Páscoa – subsídio para a celebração da esperança.

Foi editado em 2003

(Página 25)

- Quando fala da homilia no “Velório em forma de Celebração da Palavra”, traz uma novidade: “Se for oportuno, algumas pessoas podem dar o seu testemunho”.

(Página 77)

- Fala da homilia na encomendação.

(Página 91)

- Homilia nas Exéquias de crianças.

(Página 106)

- Homilia na encomendação no crematório.

(Página 111)

- Homilia na deposição da urna com as cinzas.

INTRODUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS (2ª EDIÇÃO TÍPICA – 1993)

(47)

“Na celebração com o povo, se parecer oportuno, poderá ser acrescentada breve homilia para explicar a leitura”.

(73)

Nas “Vigílias Litúrgicas” se parecer oportuno pode se fazer a homilia.

(65)

Nas Leituras Patrísticas (Padres) no “Ofício das Leituras”, temos excelestes exemplos de sagrada pregação.

RITUAL DE BÊNÇÃOS (1984 – BRASIL – 1989)

O ritual é repartido em cinco partes e em cada um delas existem várias bênçãos. Em todas as bênçãos tem a exortação: “Se for oportuno, o ministro dirige algumas palavras aos presentes, explicando a leitura bíblica, para levá-los a entender pela fé o sentido da celebração”.

- **Primeira parte:** Bênçãos de pessoas.
- **Segunda parte:** Bênçãos de edifícios e de outras obras.
- **Terceira parte:** Bênçãos de lugares, elementos e objetos destinados ou erigidos, nas Igrejas, para uso litúrgico ou devocional.
- **Quarta parte:** Bênçãos de objetos que favorecem à devoção do cristão.
- **Quinta parte:** Bênçãos para diversos fins.

IV. ELEMENTOS PARA UMA HOMILIA

A homilia é a **atualização** da Palavra de Deus no hoje e no aqui da **vida** e da **celebração**, por isso deve ser levado em conta três elementos:

- a-) **Os textos sagrados;**
- b-) **A realidade na qual vivemos;**
- c-) **O mistério que estamos celebrando.**

a-) Os textos sagrados.

Quais são eles?

- Os textos da Sagrada Escritura que foram lidos (proclamados),
 - Prefácio do dia,
 - As orações presidenciais do dia,
 - Antífona de comunhão.
- (OLM n.24, SC n.35, IGMR n.65)

Na preparação da homilia o emprego da **exegese** é absolutamente indispensável. A teologia entende por exegese a arte (e ciência!) de encontrar e propor o sentido verdadeiro de um texto escriturístico. O fim supremo da exegese é fazer brilhar através das palavras humanas, a plenitude da luz e do pensamento divino ou do plano de salvação.

O texto não é só o **conteúdo**, mas as palavras, as imagens, o fraseado, **deixar o texto falar por si**, identificar-se com o texto, com personagens, sentimentos, etc. A partir daí é que poderá acontecer o encontro com Jesus, e este encontro faz acontecer a páscoa, faz irromper o Reino no **aqui** e **agora** de nossas vidas.

O mistério de Cristo é desdobrado durante o **Ano Litúrgico** para que possamos participar melhor, por isso é muito importante seguir o Ano litúrgico. A OLM capítulo 5 fala sobre isso:

Tempo do Advento: ajuda a fazer de toda a nossa vida uma espera no Senhor. Privilegia uma dupla vinda de Cristo: uma (a primeira) vinda que celebramos no Natal e outra (segunda) que será a vinda gloriosa no fim dos tempos (parusia).

Tempo do Natal: enfoca o mistério da encarnação de Deus.

Tempo da Quaresma: nos faz acompanhar Cristo no deserto, lugar de provação, de purificação de nossa fé, de opção pelo projeto do Pai, preparando-nos assim para a renovação das festas pascais.

Tríduo Pascal: leva-nos a identificar-nos sempre mais profundamente com o Senhor Jesus.

Tempo da Páscoa: é o prolongamento da Páscoa durante 50 dias. É a alegria de estar com o Ressuscitado e que derrama seu Espírito sobre os seus, acompanha a missão da Igreja que vai penetrando todas as realidades.

Tempo Comum: condensa todo o mistério do Senhor, em todos os seus aspectos, desde a encarnação até à vinda gloriosa. São repartidos em um ciclo de três anos: A= Mateus, B= Marcos, C= Lucas.

b-) A realidade na qual vivemos

A homilia expõe os mistérios da fé e deve partir dos textos sagrados, porém tem uma coisa que precisa ser levado em conta: as circunstâncias da vida e as necessidades dos ouvintes. (Presbyterorum Ordinis n.4, e Instrução Inter Oecumenici n.54).

"A homilia deverá ser sempre feita sob medida".

É preciso expor o mistério de Cristo no aqui e agora da comunidade (Puebla n.930). A "Dei Verbum" nos ensina: "Aproveu a Deus revelar-se a si mesmo... mediante palavras e gestos intrinsecamente vinculados entre si..." (DV n.2). Cristo e o seu reino estão presentes entre nós, misturados à nossa realidade cotidiana, aos fatos de nossa história. Por isso, a homilia deverá fazer uma leitura teológica profunda, dos acontecimentos; deverá desentranhar a presença oculta de Jesus em uma série de acontecimentos aparentemente profanos ou seculares, mas que encerram em si alguns valores evangélicos. Deverá relacionar o texto bíblico com fatos da vida, interpretados como sinais atuais daquilo que é anunciado no texto.

A comunidade deve poder reconhecer na homilia, sua vida com seus problemas, seus sonhos, seus acertos e desacertos, para poder ser tocada por Cristo. A Palavra de Deus deve soar como boa-nova e como apelo de conversão e compromisso para esta comunidade reunida. Pode-se comentar na homilia fatos que foram divulgados nos jornais, rádio, televisão...

A relação entre fé e vida, Bíblia e vida, tem sido fundamental em nossa missão como cristãos na América Latina. O documento da Pontifícia Comissão Bíblica chamado: **A interpretação da Bíblia na Igreja** (2a.ed. São Paulo, Paulinas), nos fala da interpretação latino-americana da Bíblia, de um modo especial sobre a **abordagem da libertação**.

c-) O mistério que estamos celebrando

É preciso ligar a homilia com a realidade sacramental. Por isso a homilia é uma "**mistagogia**" que explica e nos introduz no mistério de Cristo acontecendo para nós na celebração como **realidade simbólico-sacramental**. Assim a homilia não está **acima** da liturgia, mas está **ao serviço** da liturgia.

Para nós, cristãos, a celebração não é apenas uma ação humana, mas também divina. Através da ação ritual, simbólico-sacramental, temos o contato com o mistério de Deus revelado em Jesus Cristo. Deus Pai, o Cristo Ressuscitado e o Divino Espírito atuam na celebração através dos sinais sensíveis da liturgia. Fazem acontecer a páscoa para nós. Introduzem-no na comunhão que existe entre as pessoas da Santíssima Trindade. Renovam conosco a Aliança. Vejam como isto está narrado em Ex. 24,1-12.

Missa:

Liturgia da Palavra: ouvimos os benefícios e as exigências da Aliança. Respon-
demos com a profissão de fé.

Liturgia Eucarística: a aliança é renovada, realizada, selada, efetivada na memória da morte-ressurreição de Jesus com pão e vinho que serão repartidos entre todos.

Homilia: é uma ligação entre as duas partes. "A Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística devem estar tão estreitamente unidas, que formem um único ato de culto" (SC n.56).

Como fazer esta ligação?

Missa:

a-) **Anúncio do mistério pascal de Cristo** = destacar no Evangelho e na Oração eucarística a boa-notícia capaz de reanimar nossas vidas.

b-) **Memória de Jesus (anámnese)** = os textos litúrgicos mais antigos lembram o Evangelho no prefácio do dia (ex: Quaresma Ano A).

c-) **Atualização (no hoje litúrgico)** = o canto de comunhão poderia retomar algo do Evangelho do dia. Isto nos ajuda a entrar pessoalmente, no momento da comunhão eucarística, na comunhão de vida com Cristo, tal qual se fez conhecer na Liturgia da Palavra. A comunhão no pão e no vinho vem aprofundar em nós a comunhão na Palavra de Deus.

Sacramentos:

A homilia liga a **Palavra** e o **Sacramento**.

Celebração dominical da Palavra:

Homilia liga a **Palavra** com a **Ação de Graças** (e a comunhão eucarística, onde houver). A partir dos textos bíblicos, suscitará a gratidão pela pessoa de Jesus, pela páscoa acontecendo em nossas vidas; suscitará o desejo de comunhão profunda com Deus e com os irmãos e irmãs, e com todo o universo, no mistério de Deus. Suscitará o crescimento do Reino de Deus entre nós.

Para isso temos uma ajuda indispensável do **Espírito Santo!** Pois ele nos faz lembrar e compreender as palavras de Jesus e nos faz compreender a vida, a realidade a partir de Jesus. Ele nos leva a ser solidários atuantes. (Jo 14, 25-26; 16, 5-15)

O homiliasta precisa invocar o Espírito Santo tanto no momento de **preparação** como na **realização** da homilia.

V. COMO PREPARAR UMA HOMILIA

A homilia precisa ser realmente fruto da meditação (OLM n.24), nunca improvisada. O bom homiliasta não espera a última hora para preparar sua homilia. Ele vai ruminando. **Ele a faz nascer em contato com o travesseiro.**

Vamos apresentar quatro modelos de preparação para a homilia. Eles têm muitas semelhanças, embora apresentem algumas especificações:

1. Modelo Tradicional.
2. Modelo apresentado pelo CELAN.
3. Modelo apresentado pelo Papa Francisco.
4. Modelo apresentado pela liturgista Ione Buyst.

1. Modelo Tradicional

Ter um **Tema Central**: perpassa pelas leituras.

Estrutura: Introdução – Corpo Central – Conclusão.

a-) Introdução

- Cuidado de estabelecer um bom contato entre quem fala e aqueles que escutam.
- Envolver desde o início os ouvintes, atraindo e facilitando a sua atenção e interesse pelo que será dito.
- Orientar os ouvintes para o tema da homilia. Não falar do roteiro, mas qual será o argumento central da homilia e, sobretudo, os motivos de interesse para os ouvintes.

Pode funcionar:

Uma pergunta provocadora, que é melhor do que uma afirmação.

Uma referência à existência concreta, ao invés de uma referência externa aos ouvintes.

Uma novidade, no lugar de uma coisa bem conhecida e costumeira (“Irmãos e irmãs”...).

Alguma coisa que provoca o sorriso (ou a cólera), ao invés de algo emotivamente neutro.

b-) Corpo Central – O Corpo da homilia

Podemos resumir em três palavras:

Inventio: encontrar a matéria que seja adequada para construir o discurso.

Dispositio: dispô-la de maneira oportuna em relação ao fim que nos propomos.

Elocutio: dar-lhe uma forma eficaz em vista da comunicação por meio do meio que é o discurso em público.

Depois de ter dado consistência a cada uma das partes, será necessário refletir sobre como estabelecer uma coligação lógica e orgânica entre elas, útil à continuidade do percurso homilético e, por isso, à sua eficácia.

A introdução e a conclusão devem ser feitas quando o projeto da homilia (corpo) já estiver quase todo pronto.

O tom a ser dado no início e na conclusão depende da sua parte central. Quando o corpo da homilia já estiver quase pronto e for bem articulado se tem a capacidade de fazer as escolhas mais oportunas.

Esquema

Não é aconselhável ler a homilia. Isso pode causar cansaço e desinteresse de quem esta ouvindo.

Quando lida, o homiliasta deveria conhecê-la tão bem, de modo a poder pronunciá-la dando só uma olhada na folha de vez em quando.

O bom comunicador precisa ter o olhar voltado para o ouvinte e não para a folha.

O ideal é fazer um esquema com a indicação da estrutura das partes e a sua coordenação, que serve para não perder o raciocínio lógico da pregação.

Pode ser útil na preparação do esquema recorrer a lápis de cores diferentes. As cores facilitam a memória visual e são percebidas facilmente se o olhar deve ser rápido.

O esquema retira o temor de perder o fio do discurso, e permite a plena concentração sobre o que se está dizendo.

Deve ser colocado diante do pregador de modo que ele, para vê-lo, não deva abaixar a cabeça, mas somente o olhar, o que permitirá manter o contato visual com a assembléia.

c-) Conclusão

- Deve ser perceptível como tal.
- Deve ser rápida.
- Serve para reforçar o ponto central da homilia e para assegurar-lhe a permanência na memória.
- É mais fácil memorizar uma imagem do que um conceito abstrato.
- Orientar os ouvintes na direção da realização prática do que se expõe.
- Pode ser oportuno concluir com uma pergunta bem pensada, sobretudo se com ela se introduz um breve silêncio, um espaço de reflexão que é previsto pelas rubricas (IGMR 66).

- Deve permanecer aberta em direção à Liturgia Eucarística que virá logo em seguida.
- Pode terminar com uma oração de duas ou três frases, já orientadas para o prefácio que foi escolhido.

2. Modelo apresentado pelo CELAM

O CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano) fala da: preparação geral, preparação remota e preparação próxima.

Preparação geral: estudo e aprofundamento da Sagrada Escritura, Sagrada Liturgia, Santos Padres, da teologia dos documentos da Igreja, dos problemas sociais, etc.

Preparação remota: feita alguns dias antes. Nasce com o contato com o travesseiro. Vai nascendo durante a semana.

Preparação próxima: tempo dedicado à preparação da homilia.

Compreende:

1. Concretizar bem os pontos ou as idéias mais importantes que foram surgindo na exegese litúrgica e vida, independente do que se aproveitará de tudo isso no final e independentemente da maneira como se exporá;
2. Escolher uma das três leituras como núcleo referencial de pregação. Não comentar as três, embora se possa e convenha fazer alusão às três.
3. Das várias mensagens, idéias ou temas encontrados na exegese, convém escolher **UM** e **SOMENTE UM**. Não se deve sair deste ponto escolhido, mas sim, desenvolvê-lo.
4. Uma vez escolhido e desenvolvido um ponto exegético, busca-se uma aplicação à vida e uma aplicação litúrgica.
5. Não aparecer o esquema: exegese-liturgia-vida. Trata-se de elementos e não partes da homilia.
6. Apresentação: encontrar um ponto sugestivo, estruturante e aglutinador que centralize a exposição:
 - uma palavra chave;
 - uma frase;
 - um exemplo atual;
 - uma pergunta feita aos ouvintes;
 - uma atitude de vida;
 - uma interrogação;
 - uma preocupação do pastor.
 Ser coerente com o ponto central, sem sair dele.
7. Ver em que momento, em que ordem e forma irá expor o conteúdo: exegese-liturgia-vida.

8. Pode-se fazer um resumo escrito com o esquema geral daquilo que irá dizer.

É uma ajuda para a memória.

Deve ser simples e legível.

A experiência indica que somente o escrito em forma esquemática e pela própria pessoa tem real utilidade no momento da pregação.

5. Modelo apresentado pelo Papa Francisco.

“A preparação da pregação é uma tarefa tão importante que convém dedicar-lhe um tempo longo de estudo, oração, reflexão e criatividade pastoral. Um pregador que não se prepara não é ‘espiritual’: é desonesto e irresponsável quanto aos dons que recebeu” (Evangelii Gaudium, 145).

O itinerário para a preparação da homilia apresentado pelo Papa Francisco acha-se na Exortação Apostólica “**Evangelii Gaudium**” – **A Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**, no encerramento do Ano da Fé, dia 24 de novembro – Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – do ao de 2013, nos números 146 a 159.

O culto da verdade

O primeiro passo, depois de invocar O Espírito Santo, é prestar toda a atenção ao texto bíblico, que deve ser o fundamento da pregação.

Estudá-lo com o máximo cuidado e com um santo temor de manipulá-lo.

Há de por de lado qualquer preocupação que nos inquiete, para entrar em outro ambiente de serena atenção.

A preparação da pregação requer amor. Uma pessoa só dedica um tempo gratuito e sem pressa às coisas ou às pessoas que ama; e que trata-se de amar a Deus, que quis falar (EG 146).

Compreender adequadamente o significado das palavras que lemos e prestar atenção às palavras que se repetem ou evidenciam, reconhecer a estrutura e o dinamismo próprio do texto, considerar o lugar que ocupam os personagens, etc.

Descobrir qual é a mensagem principal, a mensagem que confere estrutura e unidade ao texto e também o efeito que esse autor quis produzir. (EG 147).

Colocar o texto em ligação com o ensinamento da Bíblia inteira, transmitida pela Igreja (EG 148)

A personalização da Palavra

Não é só conhecer o aspecto linguístico ou exegético do texto, mas é preciso se abeirar da Palavra com o coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade.

Primeiro a Palavra ressoa no coração do Pastor para depois transmiti-la ao povo (EG 149).

Comunicar aos outros o que foi contemplado (EG 150).

A mensagem da Palavra deve passar realmente através do pregador, e não só pela sua razão, mas tomando posse de todo o seu ser (EG 151).

A leitura espiritual

Fazer a leitura orante (lectio divina) do texto bíblico juntamente com o estudo do mesmo. Do contrário vamos fazer o texto bíblico falar aquilo que queremos (EC 152).

A escuta do povo

O pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo, prestando atenção ao povo concreto com seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta (EG 154).

Recursos pedagógicos

A preocupação com a forma de pregar também é uma atitude profundamente espiritual (EG 156).

Um dos esforços mais necessários é aprender usar imagens na pregação, isto é, a falar por imagens (EG 152).

A pregação tem que ser simples, clara, direta, adaptada. Tem que usar uma linguagem positiva, que oferece sempre esperança para o futuro, não nos deixa prisioneiros da negatividade.

Como é bom que sacerdotes, diáconos e leigos se reunissem periodicamente para encontrarem, juntos, os recursos que tornem mais atraentes a pregação (EG 159).

4. Modelo apresentado pela liturgista Ione Buyst.

O modelo de preparação que vamos colocar abaixo encontra-se no livro de Ione Buyst, **Homilia, partilha da Palavra**, das edições Paulina, São Paulo 2001.

A homilia precisa de uma preparação orante. Pode ser preparada individualmente ou em equipe. Segue um roteiro que nem sempre é possível seguir por inteiro, cada um fará a adaptação às suas possibilidades.

1-) Abrir a Bíblia, em espírito de oração, acender uma vela. Silêncio. Invocar o Espírito Santo.

2-) Olhar a realidade de maneira contemplativa.

a-) Visualizar o que está acontecendo de importante na comunidade, no bairro, na cidade, na região, no país, no mundo.

b-) Visualizar a assembléia para a qual se vai fazer a homilia.

3-) Situar a homilia no tempo litúrgico.

4-) Trabalhar (estudar, destrinchar, atualizar...) os textos bíblico-litúrgicos: o evangelho, a primeira leitura, o salmo de resposta, a segunda leitura; o prefácio, o canto de comunhão, e outros cantos; as orações presidenciais, principalmente a oração do dia. Se não der tempo de ver todos os textos, que se trabalhe principalmente o evangelho.

O método proposto é da leitura orante da Bíblia, com seus quatro passos:

a-) Primeiro passo: leitura - (O que nos fala o texto em si?):

- Ler o texto, como se fosse pela primeira vez.
- Interrogar o texto: quem fala? Para quem? Onde? Quando? Por quê? Para quê? Que tipo de relação existe entre os personagens? Por quê? Qual é a imagem de Jesus que aparece nestes textos? O que nos revelam do Pai? Mensagem central? Palavras-chaves? Divisão em partes?
- Se possível, completar com a leitura de algum subsídio, principalmente para a exegese do texto.
- Relacionar os textos entre si, por exemplo, o evangelho e a primeira leitura; a primeira leitura e o salmo de resposta; o evangelho com o Prefácio e o canto de comunhão.

b-) Segundo passo: meditação - (O que Deus nos fala hoje por este texto?):

- Ler e ler o(s) texto(s)
- Repetir alguma frase que chamou nossa atenção ou que tocou mais profundamente.
- Com que personagem nós nos identificamos mais? Por quê?
- Revolver o texto em nosso coração, relacionando-o com nossa realidade: o que o Senhor tem a nos dizer hoje, com este texto, na realidade em que vivemos, na situação em que nos encontramos?...
- Repetir, aprender e dizer de cor o texto todo ou parte do texto. E, assim, ir passando para os dois passos seguintes.

c-) Terceiro passo: oração - (O que o texto nos leva a dizer a Deus?):

- Responder, reagir à fala do Senhor em nós; dirigir-lhe a palavra, interceder, agradecer, pedir..., na alegria ou na tristeza, cantar ou ficar em silêncio...

d-) Quarto passo: contemplação - (Deixar que o texto estreite nossa relação com Deus e nos prepare para um compromisso maior):

- Mergulhar no silêncio, no mistério que o Senhor nos revela a partir da leitura e meditação. Viver a comunhão com o Senhor, na sua morte-ressurreição. Deixar-nos transfigurar por ele.

5) Depois deste mergulho na Palavra de Deus, ir anotando as primeiras idéias para a homilia:

a-) Qual poderá ser a mensagem principal, a boa notícia do Senhor para a comunidade? Qual o apelo que o Senhor parece nos dirigir nas circunstâncias atuais de nossa vida?

b-) Há alguma palavra, frase, imagem, símbolo... que poderíamos focalizar na homilia?

6-) Deixar tudo isso **de molho** durante alguns dias, orando sobre isso e anotando as idéias, as imagens que vão aparecendo.

7-) Fazer um roteiro para a homilia, pensando em início, meio e fim:

O **início** é sempre muito importante, porque é dele que dependerá, sobretudo, a atenção da assembléia. Poderá ser: uma palavra ou frase de um dos textos bíblicos ou litúrgicos; um fato ou um problema da realidade; uma realidade ou idéia que poderá servir de exemplo; uma experiência pessoal; uma estória...

O meio ou **miolo** da homilia não pode ser muito longo, nem conter idéias demais. O melhor mesmo é deixar os próprios textos bíblicos falarem, principalmente o evangelho, e fazer com que a comunidade se reconheça neles: a) em sua situação de necessidade ou de pecado; b-) no encontro com o Cristo Ressuscitado, agora, na celebração; c-) na chegada do Reino de Deus, na Páscoa que vai acontecendo em suas vidas neste momento, graças à proclamação da Palavra.

O **final** da homilia deve ser breve, rápido e previsto. Poderá sugerir uma atitude bem concreta para a vida ou apontar para a segunda parte da celebração (liturgia eucarística, batismo, etc), ou ainda, terminar com um refrão meditativo ou com um silêncio profundo e fecundo, onde cada pessoa se defronta com o próprio Senhor na intimidade, no coração, na consciência.

VI. O QUE SE ESPERA DE UM HOMILIASTA

Quem faz a homilia é normalmente quem preside a celebração. Na missa é o bispo ou o padre e de vez em quando o diácono (OLM n.50). Na celebração dominical da Palavra será um diácono, um ministro(a) não ordenado(a) que coordena a comunidade ou um ministro(a) da Palavra. Que esta pessoa seja aceita pela comunidade e reconhecida pelos responsáveis da Igreja local (bispo, padre). Na missa com criança pode ser um adulto que participa da missa, principalmente se o padre tem dificuldade de se adaptar a mentalidade das crianças (Diretório para missa com crianças n.24).

O que se espera daquele(a) que faz a homilia?

- Que seja uma pessoa de bom senso, com maneira simples de ser e de falar, tenha humildade e uma atitude de serviço;
- Que seja uma pessoa de fé, tenha o costume de meditar e orar a Palavra de Deus, abertura de coração e disposição para a mudança de vida de acordo com o evangelho e dê testemunho de vida;
- Que tenha suficiente preparação bíblica, litúrgica, teológica e jeito (dom, carisma) para anunciar a Palavra de Deus;
- Que seja uma pessoa que participe da vida da comunidade e da Igreja local (Diocese), esteja atenta ao que acontece, tenha um olhar contemplativo sobre a comunidade e sobre os acontecimentos para poder dar uma palavra profética;
- Que acredite profundamente na força da Palavra de Deus que anuncia e se coloque como servo desta Palavra e não como dono dela.
- Que conheça o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto (EG 137).
- Que tenha o amor a Deus, ao Senhor Jesus, à Palavra do Reino animada pelo Espírito Santo.
- Que tenha um amor à comunidade e a vontade de prestar-lhe um bom serviço.
- Que saiba comunicar de maneira correta e eficaz.
- Que tenha conhecimento do argumento, segurança de si, força interior, entusiasmo.
- Que sua pregação seja adequada e que tenha uma mensagem eficaz.
- Que tenha a capacidade de escuta (feedback – “retorno”). Reação dos ouvintes à mensagem por parte dos ouvintes.
- Que tenha integridade moral,

VII. ALGUNS LEMBRETES PARA QUEM FAZ HOMILIA

O que colocaremos abaixo serve para a homilia e também para todos que pregam a Palavra de Deus: catequese, encontros, reuniões, formações...

Lugar da homilia: Na cadeira da presidência (de pé ou sentado), ou na estante da Palavra (OLM n.26).

Duração: Nem muito longa e nem muito curta, e que leve em consideração todos os presentes, inclusive as crianças e o povo, de modo geral as pessoas simples (OLM n.24).

Deve-se evitar que pareça uma conferência ou uma aula. Uma homilia longa torna a pregação mais importante que a celebração da fé.

Se a homilia se prolonga demasiado, lesa duas características da celebração litúrgica: a harmonia entre as partes e o seu ritmo. Isso requer que a palavra do pregador não ocupe um lugar excessivo, para que o Senhor brilhe mais que o ministro (EG 138).

Preparar bem os equipamentos de som, saber falar bem, ter boa dicção.

Cuidar da postura, movimentos, expressão corporal (na medida certa e na hora certa). Semblante sereno; fazer transparecer a esperança. Usar o corpo, pois o corpo fala,

Comunicação: passar um bom conteúdo em pouco tempo. Dar uma palavra pessoal, que venha da própria experiência ou da comunidade. Manter a dinâmica dialogal de encontro entre Deus e a comunidade.

Pode ser interessante usar o livro (bíblia ou lecionário) durante a homilia, referindo-se sempre às leituras proclamadas.

Ser criativo(a). Usar símbolos: dos textos bíblicos, da liturgia, da vida cotidiana da comunidade.

Assumir e incorporar as *surpresas*: intervenção da comunidade, fatos acontecidos na véspera...

Use argumentos sólidos e que convença, pelas posturas e gestos.

Olhar para a assembléia e falar para os que estão nos últimos lugares como se eles estivessem ouvindo e fossem sujeitos de sua homilia.

Falar com a cabeça levantada para que a voz possa sair melhor.

A dicção é fundamental para que a mensagem seja decodificada pela assembléia.

Tente ouvir e entender o que está falando (feedback).

Não se perder no mundo das idéias. Fale o essencial e não falar de tudo, menos do assunto da pregação.

Não repita as mesmas idéias.

Evitar gritos e autoritarismo. Lembre-se que homilia significa “conversa familiar”.

O ambiente materno eclesial deve ser cultivado através da proximidade cordial do pregador, do tom caloroso da sua voz, da mansidão do estilo das suas frases, da alegria dos seus gestos (EG 140).

A preocupação puramente moralista ou doutrinadora também a que se transforma em uma lição de exegese reduz a comunicação entre os corações que se verifica na homilia, que deve ter um caráter quase sacramental. Na homilia, a verdade anda de mãos dadas com a beleza e o bem (EG 142).

Não alongue demais, para não cansar a assembléia.

Não se benza antes de iniciar ou terminar a homilia, dando a entender que a homilia é um hiato na Celebração da Palavra.

Apresentar-se bem vestido diante da assembléia, com dignidade e simplicidade. A assembléia está vendo uma imagem e ninguém quer comprar uma má imagem.

Ter consciência de que é Deus é quem fala através de você e a Palavra que anunciará será de inspiração divina, fruto de seu contato e de sua comunhão com a Trindade.

O homiliasta e:

Um pai de família = olha com ternura e conhece profundamente cada uma das pessoas a ele confiadas. Fala uma palavra de ânimo, coragem, entusiasmo, consolo e exortação.

Uma mãe de família = prepara e serve com competência e satisfação o alimento, levando em conta as necessidades e os gostos de todos. Preocupa-se em manter unidos os membros da família.

Um pastor = conhece e se preocupa com suas ovelhas.

Um guia = como mistagogo introduz no mistério celebrado na liturgia e vivido no cotidiano.

Um profeta = realiza uma profecia, profundamente desejoso do Reino de Deus.

Um sentinela = aponta sinais deste Reino e do anti-reino em nossa realidade.

Ter sempre um núcleo referencial. Não querer comentar as três leituras, embora se possa e convenha fazer alusão às três.

Conhecer e examinar o Lecionário não só “verticalmente” (as leituras do dia), mas também “longitudinalmente” (o todo, a leitura semicontinua ou até contínua de um livro durante vários domingos ou várias semanas).

O Salmo Responsorial e os cânticos interlecionais podem, em determinadas ocasiões, servir de chave de interpretação e mesmo de compreensão dos textos de um dia, podem até ser tema nuclear da pregação.

Saber o que se deve dizer para encontrar o modo mais apropriado de dizê-lo (EG 137).

O princípio e, sobretudo o final devem ser bem preparados:

Início: evitar frases estereotipadas, benzer-se (o sinal da cruz já foi feito no início da celebração).

Final: ter uma aterrissagem segura, sem ir divagando ou, para continuar a metáfora, sem andar planando durante vários minutos em busca da pista às vezes uma interrogação sem resposta, uma pergunta que convida a reflexão é melhor do que alguma frase demasiadamente arredonda.

VIII. AVALIAÇÃO DA HOMILIA

É muito interessante fazer a avaliação da homilia para ver se estamos atingindo aquilo que a Igreja espera daqueles que fazem a homilia.

Esta avaliação poderá ser feita de várias maneiras:

- Gravar aquilo que foi dito;
- A equipe de liturgia poderá fazer esta avaliação;
- Fazer um teste com grupos ou até mesmo com toda a comunidade sobre a homilia.

Avaliar a homilia é colocar-se no lugar do ouvinte para avaliar a compreensibilidade, a grandeza e a utilidade da homilia efetivamente pronunciada.

É uma forma de atenção e de respeito em relação aos ouvintes, e porque se trata de um ministério, isto é, de um serviço, entre os deveres de estado e da “caridade pastoral”.

A avaliação poderá ser feita a partir de tópicos, para facilitar.

a-) A finalidade da homilia

- Deu para entender qual era a finalidade à qual o pregador se propôs?
- Trata-se de uma finalidade adequada às pessoas as quais o pregador se dirigia?
- Corresponhia a uma necessidade pastoral real para aquela assembleia?
- Atingiu a finalidade? Por quê?
- A duração foi equilibrada? O tempo: Curto? Longo? Suficiente? Conseguiu prender a atenção da assembleia?
- O que me tocou pessoalmente na homilia? Por quê? O que provocou em mim?

b-) A estrutura da homilia

- Foi possível perceber uma estrutura clara e coerente no desenrolar da homilia?
- Deu para perceber qual era a mensagem central da homilia?
- A introdução era adequada para capturar o interesse? Direcionava a atenção para a mensagem central?
- A conclusão era capaz de deixar uma mensagem na memória? Era coerente com a mensagem central?
- As passagens de um ponto a outro da estrutura da homilia foram cuidadas e pareciam lógicas?
- Existia uma unidade temática, ou a homilia foi dispersiva? O tema foi adequadamente desenvolvido?
- No desenvolvimento de vários pontos, a homilia foi eficaz, recorrendo a argumentações, exemplos, narrações ou citações?
- Levou em conta o tipo de assembleia reunida e sua experiência de vida e de fé (cidade/ zona rural, centro/periferia, adultos/jovens;/crianças)?
- A linguagem usada estava de acordo com a comunidade celebrante? Sim? Não? Por quê?

- O tom da voz foi: Normal? Sacralizado? Demagógico? De discurso ou de conversa? Tom de quem possui toda a verdade e quer ensinar aos outros, ou tom de partilha fraterna, de busca em comum daquilo que o Senhor quer nos dizer?

c-) As modalidades comunicativas

- A amplificação era boa e agradável, as palavras eram audíveis sem esforço?
- Os termos e a linguagem usados eram compreensíveis? Quais palavras poderiam ser substituídas por outras mais simples?
- Existem elementos que tornaram a escuta cansativa? Quando a atenção foi mais viva e quando menos sustentável?
- Foram inseridos elementos de distração?
- O tom da voz era variado e adequado às diversas passagens?
- O pregador olhava para a assembléia e tinha uma gestualidade apropriada?

d-) Avaliação dos conteúdos

A contextualização

- A homilia retirou o seu conteúdo das leituras ou textos litúrgicos da celebração?
- Atraiu a atenção sobre elas e forneceu uma correta compreensão do texto bíblico?
- Atingiu às necessidades da comunidade?
- Levou em consideração o tempo litúrgico?
- Levou em conta a composição da celebração: monições, ato penitencial, oração eucarística, cantos, elementos simbólicos?
- A realidade estava presente? Em que nível? (Pessoal? Comunitário? Social? Cósmico?) Houve um chamado, um convite uma proposta positiva (e não somente crítica negativa)?

Anúncio do Evangelho

- Qual é o rosto de Deus que resulta da homilia? É fiel ao que Jesus nos revelou?
- Esta homilia representou o anúncio de uma “Boa-Notícia” para a assembléia?
- Quais dons e vantagens fez perceber?
- Deu para perceber o pedido de conversão do mal e empenho para o bem?
- A homilia levou em consideração a situação concreta dos ouvintes?
- Anunciou Jesus Cristo e tentou levar a um encontro com ele? Provocou um mergulho no mistério de Deus? Como?
- Foi mistagógica, explicando a relação das leituras bíblicas com a Eucaristia, com a ação de graças? Levando a uma maior comunhão com Jesus Cristo através do rito sacramental

IX. O DIRETÓRIO HOMILÉTICO

Para este capítulo usamos o artigo de Chino Biscontin intitulado “O Diretório Homilético: apresentação e reflexões”, que está no livro “pregar a Palavra: a ciência e a arte da pregação”, nº 2, da coleção – Vida e Liturgia da Igreja, da CNBB, 2015.

Desejado pela Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de 2008, desejo feito pelo Papa Bento XVI dois anos depois na Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, elaborado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, com um decreto de 29 de junho de 2014 foi publicado um *Diretório Homilético* que pretende disciplinar e subsidiar a pregação feita nas celebrações eucarísticas dos domingos e festividades do ano litúrgico, dada a natureza deste nosso escrito, este importante documento tem a nossa atenção, mesmo que não seja o lugar para uma análise exaustiva, pela completude dos temas e profundidade da análise. Damos agora aos leitores deste livro uma descrição, acompanhada de algumas observações atinentes mais próximas à prática da pregação.

1. Descrição do conteúdo

O diretório se compõe de duas partes: na primeira, intitulada *A homilia e o âmbito litúrgico*, se descreve a natureza, a função e o contexto peculiar da homilia; na segunda parte *Ars predicandi*, são indicadas as coordenadas de método e são oferecidos abundantes exemplos de aplicação da metodologia para todos os domingos e festividades dos tempos litúrgicos maiores. Completam o documento dois apêndices. No primeiro, são indicadas as referências do *Catecismo da Igreja Católica* que têm a ver com os conteúdos encontrados nas leituras Bíblicas do lecionário para cada celebração. No segundo apêndice são elencados os documentos do magistério sobre a homilia.

2. Os temas que constituem a trama de todo o documento são:

- a- A importância da Palavra de Deus nas nossas liturgias;**
- b- Princípios para uma interpretação das Escrituras adequada à pregação;**
- c- Consequência de tudo isso para a práxis homilética;**
- d- As necessidades de natureza pastoral a quem as homilias são dirigidas.**

No texto o peso muito maior é concedido a interpretação das Escrituras, seja do ponto de vista metodológico seja com abundantes exemplos, que são a parte mais original de um documento que tem a natureza e título de diretório. Uma interpretação na fé e para a fé, vivida na celebração eucarística. Em tal perspectiva, são abundantes as sugestões de caráter de conteúdo que os homilistas podem encontrar para todos os domingos e festividades do tempo litúrgico do ciclo de Advento-Natal-Epifania e Quaresma-Semana Santa-Tempo Pascal. Naturalmente, o leitor que aprende o método posto em evidência para estes tempos litúrgicos “fortes” tem também um guia para os domingos do Tempo Comum.

É menos persistente uma reflexão sobre as necessidades de natureza pastoral da assembléia que não sejam aquelas a que respondem os conteúdos bíblico-litúrgicos identificados utilizando o método acima indicado. No n. 8 se cita uma passagem da *Evangelii Gaudium*, n.139, na qual se afirma que o homilista “deve escutar a fé do povo” e encontrar “no coração da cultura do povo uma fonte de água viva, seja para saber o que dizer, seja para encontrar o modo apropriado para fazer isso”, todavia não seguem aprofunda-

mentos metodológicos sobre como isto deve ser realizado. Deve se ter em conta que a concreta realização desta indicação do Papa Francisco, mais que em um diretório dirigido a toda a comunidade católica, vai realizada em cada assembléia celebrante em particular, considerando também os traços de sua singularidade.

3. Os componentes fundamentais da natureza da homilia

Eles são:

- a- A ligação com as leituras bíblicas proclamadas;**
- b- A contextualização dentro da celebração litúrgica;**
- c- A natureza sacramental da Liturgia da Palavra;**
- d- A necessária ministerialidade que disso resulta.**

Vem especialmente insistida a ligação com as leituras proclamadas. Em *Ordo Lectionum Missae*, n. 24 e 65 se afirma que a homilia retira os seus conteúdos das leituras bíblicas ou dos textos do Ordinário ou do Próprio. Pode parecer que o homilista poderia também escolher fazer uma homilia toda centrada sobre os textos do Ordinário ou do Próprio, negligenciando as leituras bíblicas. Na *Sacrosanctum Concilium*, n. 35, ao invés, se afirma: “(A homilia) deve ter como fonte a Sagrada Escritura e a ação litúrgica”. O Diretório Homilético, no n. 11, faz própria esta afirmação do Documento do Concílio onde não aparece o “ou” disjuntivo, mas um “e” conjuntivo, que faz compreender que a referência às leituras bíblicas não deve ser jamais negligenciada. Certamente, a homilia católica não é um sermão protestante modelado sobre a “sola Scriptura” e a referência ao contexto litúrgico para a homilia é importante e devida, mas, como se dizia, não em detrimento da atenção às Escrituras.

A pertença da Liturgia da Palavra, compreendida a homilia, a celebração eucarística leva a afirmar com clareza a natureza sacramental, segundo o límpido ensinamento da *Verbum Domini* a esse respeito. Se no passado este aspecto ou era negligenciado ou não adequadamente ressaltado, como consequência das controvérsias suscitadas nos tempos da Reforma, depois destes últimos documentos do magistério esta qualificação vai agora confirmada tendo cuidado, naturalmente, que “sacramental” aqui é dito de modo analógico em relação ao santo septenário (onde entra o “ex opere operato”), mas de uma analogia ainda mais estreita. Disso decorre a afirmação da necessidade da ordenação para exercer este ministério, não, portanto, por uma vontade de controle por parte dos clérigos sobre esta pregação, mas como algo que é exigido pela natureza mesma do ato. A homilia, enquanto ato sacramental, é um ato necessariamente ministerial.

4. Os critérios de interpretação das Escrituras, em vista da homilia

- a- Fidelidade ao conteúdo objetivo e atenção à unidade de toda a Escritura;**
- b- Compreensão dentro do sulco da Tradição viva de toda a Igreja;**
- c- Aplicação do princípio da analogia da Fé;**

Acrescenta-se:

- d- Atenção ao sentido espiritual, com uma hermenêutica cristológica.**

O Diretório se concentra prevalentemente sobre este aspecto metodológico, para ajudar os homilistas a praticar uma compreensão das mensagens das leituras bíblicas adequada às finalidades de uma assembléia em Nome do Senhor. Para escutar a Sua Pala-

vra e viver o memorial da Sua Páscoa. Isso vem adequadamente ilustrado em cada um dos pontos acima indicados, não apenas, mas, como foi dito, oferece também, na sua segunda parte intitulada *Ars predicandi*, uma abundante e não raramente muito bela exemplificação da sua aplicação. Não com uma afirmação exaustiva, portanto, mas a título de exemplo, como afirma claramente o Decreto introdutório:

Chaves de leitura, de modo indicativo e não exaustivo, são propostas para o ciclo dominical festivo da Missa, a partir do coração do ano litúrgico (Triduo e Tempo Pascal, Quaresma, Advento, Natal, Tempo Comum), com referência também às Missas ferias de matrimônio e exequiais, nesses exemplos são aplicados os critérios evidenciados na primeira parte do Diretório, ou seja, a tipologia entre Antigo e Novo Testamento. A importância do texto evangélico, o ordenamento das leituras, os nexos entre liturgia da Palavra e liturgia Eucarística, entre mensagem bíblica e euclógica, entre celebração e vida, entre escuta de Deus e da assembléia concreta.

No seu conjunto, se trata de uma leitura fortemente teocêntrica e cristocêntrica, atenta à doutrina e a conversão que podem ser deduzidas, orientadas à oração de louvor e de súplica e à comunhão com Deus e com o Senhor Jesus.

Creio que sejam exatamente estas características da metodologia de enfoque das leituras proclamadas na celebração que levaram o Diretório a sugerir, como preparação pessoal do homiliasta, a prática da *lectio divina*, nos seus momentos: *lectio meditatio, oratio, contemplatio*, aos quais vem acrescentada a *actio*. Deve-se notar, todavia, que o método da *lectio* sofre aqui uma adaptação. O momento da *contemplatio*, que ao método típico indica experiência unitiva com Deus como dom de graça, vem interpelado pelo Diretório como busca de uma resposta à pergunta: “Que conversão da mente do coração e da vida pede-se o Senhor?”, que parece retornar a tarefa da *meditatio*, que por sua vez busca uma resposta a uma pergunta análoga: “O que o texto bíblico nos diz?” (e como ampliação são retomadas as perguntas pontuais da *Evangelii Gaudium*, n. 153). O dinamismo entre a *meditativo-contemplatio* e a *oratio* vem transposto como correspondente à sucessão de Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística.

Do mesmo modo, se afirma que o *Catecismo da Igreja Católica* é exemplar para a compreensão das Escrituras na fé, o qual é necessário também nas celebrações litúrgicas. Não apenas, mas também neste caso, pode ser encontrada uma analogia estrutural entre a celebração eucarística e as quatro partes do *Catecismo da Igreja Católica*.

1. Profissão de fé;
2. A celebração do mistério cristão;
3. A vida em Cristo;
4. A oração cristã.

Disso parte a relevância que vem dada no *Catecismo da Igreja Católica*, um pouco em todo o Diretório, mas, sobretudo, no primeiro apêndice, que compreende uma justificção introdutória a que depois seguem, para cada domingo e festividade (exceto para a festa do Batismo do Senhor, talvez por um descuido) abundantes indicações de referência a parágrafos específicos do *Catecismo da Igreja Católica*. A preocupação é a de respon-

der a uma necessidade, insistida pelo Sínodo acima mencionado, de oferecer mais abundante e mais sólida doutrina para a pregação atual.

Na introdução do apêndice se estabelece antes um paralelo entre *Catecismo Romano* do Concílio de Trento e o *Catecismo da Igreja Católica*.

O Catecismo Romano foi publicado sob a guia dos Padres do Concílio de Trento e, em algumas edições incluía também uma *Praxis Catechismi*, que dividia o conteúdo do Catecismo Romano em base aos Evangelhos dos domingos do ano. Não surpreende, portanto, o fato de que, com a publicação de um novo Catecismo na linha do Concílio Vaticano II, surgiu a proposta de fazer algo semelhante com o Catecismo da Igreja Católica. Uma iniciativa do gênero deve afrontar vários obstáculos de caráter prático, mas aquele crucial se refere à obrigação fundamental segundo a qual a liturgia dominical não é uma “ocasião” pra fazer um sermão sobre um argumento não conforme o tempo litúrgico e os seus temas. Em todo caso, podem existir específicas razões pastorais que requeiram a exposição de um aspecto particular do ensinamento doutrinal ou moral. Tais decisões exigem prudência pastoral.

Deve-se notar que o paralelismo entre a situação para a qual foi escrito o *Catecismo Romano* e a nossa tem seus limites: os Padres do Concílio de Trento tinham diante dos olhos um conceito cultural substancialmente unitário; a Igreja hoje está presente entre povos de cultura muito diversas uma das outras, e desta diversidade a pregação deve assumir a responsabilidade mediante uma adequada inculturação, que não pode jamais ser única para toda a Igreja.

CONCLUSÃO

Tentamos deixar claro nesta pequena colocação que a homilia é parte de um todo e de um todo litúrgico. Não é nem o único nem o principal na celebração litúrgica. O ápice deve dar-se na eucaristia (ou no sacramento, ou na celebração da palavra). A liturgia da Palavra deve precedê-la, prepará-la e ser celebrada adequadamente: com uma introdução ágil, segura, dando importância às leituras, especialmente ao evangelho, e dando também importância às respostas por parte dos fiéis (silêncio de meditação, cânticos entre as leituras, aclamações...) Em outras palavras, a celebração tem um **ritmo** e a homilia não deve interrompê-lo. A primeira parte da celebração deve levar à homilia e esta deve ser feita de um modo que provoque um **crescendo** na intensidade da celebração durante a ação eucarística ou sacramental, que não deve decair nem ser despachada com precipitação.

A homilia é uma pregação do "**Kerygma**". A palavra grega Kerygma (Querigma) quer dizer: "proclamação" ou "anúncio". A homilia é a evangelização entendida como anúncio do querigma. É uma **ação querigmático-evangelizadora**. Na tradição cristã o "Kerygma" é entendido como primeiro anúncio da morte-ressurreição de Jesus, como uma intervenção salvadora, definitiva, de Deus na história.

O que se anuncia na homilia é **Jesus Cristo**, em sua morte-ressurreição, em seu mistério pascal, com o qual se inicia entre nós o reino de Deus, como dom gratuito e incondicional do Pai para o bem de toda a humanidade. O reino que acontece no aqui e agora de nossa história, por isso não podemos desligar o Cristo pascal de Jesus histórico, o crucificado.

A homilia deve levar à **alegria** e à **conversão**, por isso devemos dar a ela um caráter indicativo, narrativo e contemplativo-doxológico (de louvor) e não imperativo, moralizante, exortativo, admoestativo.

Se a homilia quiser ser litúrgica, terá que ser exuberante no louvor (doxológica), mística, eucarística, preparando assim a atitude festiva de entusiasmo, admiração, contemplação, alegria, gozo... da oração eucarística. Terá que passar algo de liberdade, bondade, beleza, plenificação, por causa da páscoa de Jesus que nos liberta de todas as escravidões. Terá que estar banhada num clima de repouso, descontração, gratuidade, festa. Terá que se tornar ainda expressão do sujeito coletivo, que é a assembléia reunida, e fazer eco de seus sentimentos, de sua fé, de sua alegria...

A homilia não pode ser, evidentemente, alienante, de fuga, de afastamento da realidade e das lutas cotidianas, mas festejar. Pode ser profundamente crítica e profética, na medida em que rompo os limites estreitos da vida cotidiana, da realidade opressora e nos faz experimentar e antecipar a vinda do reino, do mundo-que-há-de-vir, da sociedade que queremos. E assim ressalta a necessidade de mudança, de transformação e nos dá esperança, ânimo e coragem para continuar a luta.

Presidir a celebração dos ritos sagrados não é a única tarefa do presbítero. Juntamente com esta, uma das suas principais funções é a de pregar a Palavra e Deus.

Tal pregação o assemelha aos profetas: melhor dizendo, faz dele o continuador e o ministro de Cristo Profeta.

Pregar a Boa Notícia, falar às pessoas a Palavra de Deus, iluminar as situações vitais à luz de Cristo, é algo que deu sentido ao profetismo de todos os tempos, e é algo que há de dar sentido ao presbítero em sua missão profética.

Cada vez que a Palavra é proclamada, é preciso atualiza-la. Convém, portanto, fazer homilia em cada celebração. Não é necessário que a assembléia seja numerosa.

Sem a atualização, a Bíblia fica sendo uma biblioteca em que Israel e os Apóstolos seriam os bibliotecários. Ora, uma biblioteca só é fonte de conhecimento quando seus livros falam. Do contrário, ela é um cemitério.

É essencialmente pela homilia, com a ação do Espírito Santo, que a Bíblia se torna Palavra de Deus.

BIBLIOGRAGIA

ALDAZÁBAL, J., *Introdução Geral sobre o Missal Romano – Terceira Edição* – São Paulo, Paulinas, 2007.

_____, *Introdução Geral sobre a Liturgia das Horas*, São Paulo, Paulinas, 2010.

_____, *A Mesa da Palavra I – Elenco das Leituras da Missa*, São Paulo, Paulinas, 2007.

_____. *Celebrar a Eucaristia com Crianças*, São Paulo, Paulinas, 2008.

BISCONTIN, C., “A preparação da homilia”, In: *Pregar a Palavra – a ciência e a arte da pregação*, (coleção: vida e liturgia da Igreja, nº 2), Brasília, CNBB, 2015, p.237-283.

_____, “A homilia e o homiliasta”, In: *Pregar a Palavra – a ciência e a arte da pregação*, (coleção: vida e liturgia da Igreja, nº 2), Brasília, CNBB, 2015, 15-61.

BUYST, I. *Homilia, partilha da Palavra*, São Paulo, Paulinas, 2001.

_____. “Homilia: anúncio de uma presença escondida”, *Revista de liturgia*, São Paulo nº 167, p.29-30, set/out. 2001.

CARPENEDO, C. “Liturgia, berço da palavra viva”, *Revista de liturgia*, São Paulo, nº 167, p.4-6, set/out 2001.

CARVALHO, D., *Homilia - a questão da linguagem na comunicação oral* (2ª ed), São Paulo, Paulinas, 1993.

CELAM. *Homilia*, São Paulo, Paulinas, 1983.

_____, *Medellín – A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio – II Conferência do Episcopado Latino Americano – 1968 – 4ª ed.* Petrópolis, Vozes, 1971.

_____, *Puebla – A Evangelização no presente e no futuro da América Latina – 1979 – III Conferência do Episcopado Latino Americano – 1979 – 2ª ed.*, São Paulo, Loyola, 1979.

_____, *Santo Domingo – Nova Evangelização – Promoção Humana – Cultura Cristã – III Conferência do Episcopado Latino Americano – 1992 – 6ª ed.* Petrópolis, Vozes, 1993.

COMISSÕES EPISCOPAIS DE TEXTOS LITÚRGICOS (CETEL), *Pontifical Romano* (tradução CNBB), 3ª ed., São Paulo, Paulus, 2008.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, (Documento da Igreja – I), São Paulo, Paulus, 1997.

CNBB, *Nossa Páscoa. Subsídios para a celebração da esperança*, São Paulo, Paulus, 2003.

_____, *Animação Litúrgica no Brasil – (Doc. 43)*, São Paulo, Paulus, 1989.

_____, *Pastoral da Eucaristia – subsídios – (Doc. 2) – 2ª ed.*, São Paulo, Paulinas, 1975.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Cerimonial dos Bispos – Cerimonial da Igreja* (tradução CNBB), São Paulo, Paulus, 1988.

_____, *Ritual das Exéquias* (Trad. CNBB), Petrópolis, Vozes Limitada, 1971.

_____, *Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa* (Trad. CNBB), São Paulo, Paulinas, 2000.

_____, *Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral – 7ª ed.*, (Trad. CNBB, São Paulo, Paulus, 2000.

_____, *Ritual da Penitência - 2ª ed. típ.*, (Trad. CNBB) São Paulo, Paulus, 1999.

_____, *Ritual do Matrimônio – 4ª ed.*, (Trad. CNBB), São Paulo, Paulus, 1993.

_____, *Ritual da Iniciação Cristã de adultos*, (Trad. CNBB), São Paulo, Paulus, 2001,

_____, *Ritual da Confirmação* (Trad. CNBB), São Paulo, Paulus, 1998.

CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Ritual de ordenação bispos, presbíteros e diáconos*, (2ª ed. típ – CNBB), São Paulo, Paulus, 1944.

_____, *Ritual do Batismo de crianças – 2ª ed. típ.*, - 2ª ed., (Trad. CNBB), São Paulo, Paulus, 1999.

DELLA TORRE, L. “Homilia”. In: SARTORE, D & TRIACCA, A. (org). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.535-571.

_____, “A pregação na liturgia”, In: *Em vossas assembleias – Teologia da Missa Vol. I*, J. Gelineau (org), 2ª ed., São Paulo, Paulus, 1975, p. 185-216.

- DEISS, L. *A Palavra de Deus celebrada- Teologia da celebração da Palavra de Deus*, Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____, “A homilia”, In: *A Palavra de Deus celebrada – Teologia da celebração da Palavra de Deus*, Petrópolis, Vozes, 1998.p. 75-108.
- GUIMARÃES, M. R. “Hoje esta palavra se realizou para quem, a ouviu- a homilia como iniciação ao mistério da fé”, *Revista de liturgia*, São Paulo, nº 167, p.7-9, set/out 2001.
- JOÃO PAULO II, *Catecismo da Igreja Católica*, 5ª ed., Petrópolis, São Paulo, Vozes, Paulinas, Loyola, Ave-Maria. 1993.
- _____, *Código de Direito Canônico*, São Paulo, Loyola, 1983.
- JUNGMANN, J. A., “A homilia”, In: *Missarum Sollemnia – origens, liturgia, história e teologia da missa romana*, 2ª ed. São Paulo, Paulus, 2009, p. 444 – 449.
- LEBON, J., “A homilia”, In: *Para viver a liturgia*, São Paulo, Loyola, 1993, p. 121 -123.
- LIBÂNIO, J. B., “Homilia”, In: *Como saborear a celebração eucarística?*, São Paulo, Paulus, 2005, p. 51-62.
- MALDONADO, L. *A Homilia- pregação, liturgia, comunidade*: São Paulo, Paulus, 1997.
- NOCENT, A., “A história da Celebração Eucarística – a proclamação da Palavra de Deus e a homilia”, in VVAA, *A eucaristia – teologia e história da celebração* (Anámnesis, 3), Paulinas, 1987, p. 224-231.
- PAPA FRANCISCO, “A Homilia”, In: *Evangelli Gaudium. A alegria do Evangelho*, Documento Pontifício – 17, Brasília, CNBB, 2013, p. 83-98.